

Subverter é preciso

Roberto Círio Nogueira*

Em seu artigo intitulado *Transluciferação Mefistofáustica*, o poeta, ensaísta e tradutor Haroldo de Campos traça um panorama histórico das traduções do *Fausto*, de Goethe, demonstrando o que considerava deficiente em determinadas concepções de tradução. E para superar certos problemas de correspondência entre o texto original e o traduzido, cria o conceito de *transcrição*, que seria “re-correr o percurso configurador da função poética, reconhecendo-o no texto de partida e reinscrevendo-o [...] na língua do tradutor, para chegar ao poema transcrito como re-projeto isomórfico do poema originário” (CAMPOS, 1981, p. 181).

O texto em questão inicia-se pela elaboração de uma metáfora que explica o neologismo de seu título e a concepção de tradução adotada por seu autor. Dialogando com Walter Benjamin, Campos tece a seguinte observação:

A tradução, como a filosofia, não tem Musa [...]. E no entanto, se ela não tem Musa, poder-se-ia dizer que tem um Anjo. De fato, no entender do próprio W. Benjamin, cabe à tradução uma função angelical, de portadora, de mensageira (compreendida esta na acepção etimológica do termo grego *ángelos*, do hebraico *mal'akh*): a tradução anuncia, para a língua do original, a miragem mallarmaica da língua pura. (Idem, p. 179).

Em outras palavras, o original e o traduzido são tidos por fragmentos de uma antiga unidade lingüística, anterior ao mitológico estilhaço babélico, e somente através da tradução poderemos entrever este estado uno. Mas para que a língua pura possa ser vista, mesmo que de relance, é necessário que o tradutor realize uma “operação radical, cuja virtude transfusora aja blocamente sobre os paradigmas (desprezando-se o sentido pontual desta ou daquela palavra isolada) para remobilizar, no texto traduzido, um análogo contraponto de séries fono-semânticas, visando ao efeito icônico do todo” (idem, p. 183).

Neste desprezo pelo sentido literal de cada palavra contida num verso ou numa frase encontra-se a diferença entre a *transcrição* e outras concepções tradutórias, classificadas por Campos como traduções *mediadoras* (as quais buscam *servir* o texto original apresentando-se como dicionários limitados a traduzir “ao pé da letra” o sentido de cada

* Aluno do Mestrado em Letras, área Teoria da Literatura, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

palavra), ou como traduções *medianas* - cuja tarefa de intermediar a obra entre o original e o traduzido situa-se pouco além das *mediadoras*, mas que ainda se encontram insuficientes para dar conta “da intrincada teia de som e sentido que percorre o texto como um todo” (idem, p. 184). Tal insuficiência deve-se ao próprio conceito do processo utilizado: de intermediação, ou seja, a *transcrição* difere dos demais modos de tradução por não se configurar restritamente como mediadora lexical do texto original, mas como uma re-criação do processo criativo e de seu objeto em outra língua. Ela resulta num duplo da obra primeva que lega ao traduzido as potencialidades significativas do texto de partida.

Em seguida a tais definições, ao longo da maior parte do texto, o ensaísta procura demonstrar (recorrendo a múltiplos exemplos) a prática destes processos, através do já mencionado panorama histórico das traduções do *Fausto* - não só para o português, como também para o espanhol, o francês e o inglês; apontando-lhes, como também já foi mencionado, o que considerava falho e, portanto, emblema de traduções mediadoras. Falho por não entrever a língua em sua forma pura; por não apresentar “uma leitura da tradição” (idem, p. 188); por não “redesenhar a forma semiótica dispersa, disseminando-a, por sua vez, no espaço de sua própria língua” (idem, p. 189).

Haroldo de Campos atenta, também, para o caráter dialógico da *transcrição*, semelhante ao da paródia, que permite ao texto traduzido inserir-se na tradição cultural da língua do tradutor, dialogando “não apenas com a voz do original, mas com outras vozes textuais” (idem, p. 191). Esta estratégia radical de tradução (como sempre observa o autor) é embasada nas idéias de Goethe e nas traduções de Odorico Mendes. Na sua *transcrição* do *Fausto*, Campos utiliza-se deste recurso na *recriação* do “Côro dos Lêmues”, inspirando-se na cadência dos versos de João Cabral de Melo Neto para conferir um “efeito de ‘toada’” (idem, p. 192) ao canto fúnebre da cena. Leitor crítico de culturas diversas, o tradutor ao “invés de aportuguesar o alemão, germaniza o português, deliberadamente, para o fim de alargar-lhe as virtualidades criativas” (idem, p. 194).

Em suma, os procedimentos tradutórios mencionados até aqui constituem o que este teórico denomina *non serviam*, isto é, a revolta de Lúcifer, o mensageiro da Luz, por recusar-se a servir no Paraíso, preferindo reinar no Inferno. Este é o mito que alicerça o neologismo do título e que, metaforicamente, demonstra como a tradução radical subverte o texto original, agindo conjuntamente sobre seu conteúdo semântico e sua forma fonética

para recriá-los em outro ambiente lingüístico. No horizonte deste processo fulgura a língua pura, una. Isto é transluciferação.

Referência bibliográfica:

CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 179-209: Transluciferação mefistofáustica.